

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O EMPRÉSTIMO LINGÜÍSTICO¹

Vito Cesar de Oliveira Manzolillo (UFRJ/CiFEFiL)

* Complicado é estabelecer o limite entre a invasão cultural, que pode ser deletéria, e o livre intercâmbio de informações e mercadorias, essa bela conquista do mundo moderno. Só quem sonha com um mundo primitivo é capaz de pôr tudo no mesmo saco.

(“Abaixo o hambúrguer”. *Veja*, 04/01/98, p. 60)

RESUMO

Este trabalho aborda aspectos lingüísticos e sociológicos do empréstimo, um dos meios através dos quais a ampliação lexical acontece.

PALAVRAS-CHAVE: léxico, neologismo, empréstimo

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao lado de palavras próprias e características de sua língua nativa, as quais verdadeiramente parecem ter a “cara” desse idioma, qualquer falante é capaz de perceber também, em alguma medida, nos seus atos de fala e nos daqueles que o cercam, a presença de unidades lexicais, por assim dizer, estranhas, identificadas com outras realidades lingüísticas.

Um dos meios pelos quais o vocabulário se enriquece, o *empréstimo*, tão antigo quanto a própria língua, é, de acordo com Dubois *et alii* (1973: *empréstimo*), “o fenômeno sócio-lingüístico mais importante em todos os contatos de línguas”.

Muita coisa mudou na maneira de encarar o empréstimo lingüístico ao longo do tempo. Juntamente com a analogia, representou justificativa para as exceções às rígidas leis fonéticas propostas pelos neogramáticos na segunda metade do século XIX. Pela potencialidade de indicar submissão lingüística e cultural, foi – em alguns casos, pode-se dizer, ainda é – combatido cegamente em várias partes do mundo, ao mesmo tempo em que logrou aceitação ou foi imaturamente utilizado em algumas situações.

¹ O presente artigo foi apresentado, sob a forma de comunicação oral, em evento denominado II Letras em Foco – Semana de Letras (FFP/UERJ), realizado em novembro de 1999. O registro escrito do trabalho, entretanto, se dá apenas agora.

Seguramente, esse processo de importação lexical apresenta duas facetas contraditórias: por um lado, evidencia um certo grau de deficiência por parte da comunidade cuja língua acolhe material léxico alógeno; por outro, demonstra a inserção dessa mesma comunidade num grupo privilegiado de consumidores de sofisticadas tecnologias e de bens culturais de toda sorte.

Assunto polêmico, falar em empréstimo é falar num fato lingüístico cuja abrangência se estende, sem dúvida alguma, para muito além desse campo do conhecimento humano. Nesse sentido, este texto de Bréal *apud* Bechara (1990:74) é bastante significativo:

Quando se buscam as raízes dessas repulsas que os espíritos nobres nutrem pelas palavras estrangeiras, vê-se que elas são devidas a associações de idéias, a recordações históricas, a intenções políticas, com que a lingüística tem muito pouco a ver. Aos puristas alemães a presença das palavras francesas fá-los lembrar uma época de imitação que gostariam fosse esquecida de sua história. Os filólogos helênicos que proscreeveram as palavras turcas do vocabulário continuam, a seu modo, a guerra de independência. Os tchecos que levam o seu ardor ao ponto de querer traduzir os nomes próprios alemães para não deixar rastro de uma língua que suportaram por muito tempo, associam ao seu intento de expurgo a esperança de uma próxima autonomia. O “purismo”, em casos assim serve de etiqueta a aspirações e ressentimentos que podem ser em si legítimos, mas não nos deve permitir ilusões sobre a verdadeira razão dessa campanha lingüística.

O EMPRÉSTIMO LEXICAL

Na verdade, é possível aplicar a idéia de empréstimo a outros componentes lingüísticos além do léxico. Camara Jr. (1977:79-80) admite também os fônicos e os formais. Menciona igualmente os de traços articulatorios, como a nasalização, a glotalização e a palatalização. É claro, entretanto, que, apenas no âmbito do vocabulário, essas transferências ocorrerão amplamente.

Definido como o conjunto – teoricamente infinito – de vocábulos de uma língua, segundo Biderman (1978:139), “constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos (...) a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades”, sendo essa uma estrutura pouco relacionada à engrenagem (gramática) da língua.

A real dimensão do empréstimo lingüístico como fator de enriquecimento vocabular só pode ser percebida quando se atenta para o fato de que apenas muito excepcionalmente um povo consegue viver de modo au-

tônomo, livre do contato com outros grupos humanos. Na realidade, as civilizações, assim como suas línguas, não são auto-suficientes. Então, quanto maior o intercâmbio entre comunidades, maior a probabilidade de ocorrência de empréstimos, fenômeno que torna patente a interdependência entre idiomas e nações.

Nos dias de hoje, caracterizados por produtos, invenções e máquinas altamente poderosos e sofisticados, as formas de convivência entre povos bem como as maneiras de as nações exercerem influência cultural são determinadas por fatores diferentes relativamente aos verificados em épocas passadas, como observa Elia (1989:63):

(...) se, na Antigüidade Clássica, o meio de propagação da cultura foi por *terra* (as guerras de conquista) e continuou na Idade Média (Cruzadas), já nos Tempos Modernos a expansão se fez pelas *águas* oceânicas (os mares nunca de antes navegados) e, em nossos dias, se difunde pelos *ares*. Os satélites artificiais são os marcos miliários com que as potências do espaço vão assinalando o seu domínio.

FISIONOMIA DO LÉXICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

O vocabulário da língua portuguesa é, como se sabe, em sua maioria, formado de palavras de origem latina (populares ou eruditas). No entanto, em circunstâncias e momentos diversos de sua história, o português tem recebido expressiva contribuição de idiomas tão variados quanto o quíchua e o holandês ou o japonês e o russo, não esquecendo o inglês, o francês, o espanhol e o italiano, sendo todos esses e muitos outros responsáveis pelo heterogêneo conjunto que é o léxico da língua portuguesa.

A acolhida de itens léxicos estrangeiros pelo português foi, por outro lado, acompanhada pelo processo inverso. Nesse sentido, várias línguas também ostentam, em seus acervos vocabulares, unidades lexicais de proveniência portuguesa, recebidas especialmente durante o período dos Grandes Descobrimentos (séculos XV e XVI), época áurea da hegemonia lusitana no mundo. O fato de esse contingente ser pouco expressivo e os motivos de o português importar mais palavras do que exportá-las poderão ser satisfatoriamente explicados por fatores extralingüísticos, pois, como esclarece Langacker (1972:188), “os caminhos do empréstimo lexical refletem até certo ponto os caminhos da influência cultural”.

O EMPRÉSTIMO, SUAS CAUSAS E SUAS CARACTERÍSTICAS

Verba sequuntur rem (as palavras seguem as coisas). A causa principal para a ocorrência de empréstimos lingüísticos é há muito conhecida e se encontra refletida nessas palavras do poeta latino Horácio.

Quanto à definição desse fato lingüístico, uma consulta a alguns autores poderá trazer esclarecimentos.

Para Dubois *et alii* (1973: *empréstimo*),

há *empréstimo lingüístico* quando um falar A usa e acaba por integrar uma unidade ou um traço lingüístico que existia precedentemente num falar B e que A não possuía; a unidade ou o traço emprestado são, por sua vez, chamados de *empréstimos*.

Camara Jr. (1977:76), baseado em Bloomfield, conceitua esse fenômeno lingüístico como “intrusão de um elemento de um sistema estranho no sistema considerado”, devendo a noção de *sistema estranho* ser entendida da forma mais ampla possível, isto é, dizendo respeito também a transferências internas, verificadas entre diferentes regiões, camadas sociais ou níveis de linguagem, além das feitas da língua comum para as terminologias especiais e vice-versa.

Pisani (S/D:55), por sua vez, define empréstimo como “uma forma de expressão que uma comunidade lingüística recebe de uma outra comunidade”.²

Assumpção Jr. (1986:105) não fala em empréstimo, mas em *apropriação*, ou seja, “aquisição de signo ou de significado léxico próprios de outra língua”.

Já Robins (1977:324) diz que empréstimos lingüísticos são “aquelas palavras que não estavam no vocabulário em um período e que nele estão num período subsequente, sem terem sido construídas pelo estoque léxico existente de uma língua, ou inventadas como criações inteiramente novas.”

Segundo Langacker (1972:186), “o empréstimo não é nunca uma necessidade lingüística, visto ser sempre possível ampliar e modificar o uso das unidades lexicais existentes para fazer face às novas necessidades de comunicação”.

Tal afirmativa, em alguma medida, corresponde à verdade. Entretanto, quando se constata, no tempo presente, o desenvolvimento cada vez mais vertiginoso da ciência e da técnica, da economia e dos esportes, originado

² No original italiano, lê-se: “una forma d’espressione che una comunità linguistica riceve da un’altra comunità.”

principalmente nos países desenvolvidos, percebe-se que a adoção do termo estrangeiro constitui, muitas vezes, a única possibilidade viável para aqueles que importam esses frutos do progresso, já que produtos, serviços, tecnologias e novidades em geral surgem bastante velozmente, tornando difícil a substituição de suas designações internacionais. Parte-se, então, como resalta Carvalho (1989:67), para a solução mais fácil:

O mundo, as ciências, as técnicas e os costumes evoluem rapidamente; há urgência de nomear as novidades. Não se pode aguardar resultados de estudos prolongados e na maioria das vezes as normas apenas consagram nomes já em uso.

Em alguns campos cuja evolução tem sido expressiva ultimamente, importa pouco a nacionalidade da nomenclatura empregada. São áreas de limitada penetração entre os membros da sociedade em geral, de interesse restrito a profissionais ou a aficionados. Em casos do gênero, a existência de uma terminologia especializada apresenta até vantagens: por exemplo, rapidez e facilidade de comunicação e de intercâmbio.

Por outro lado, é inegável que ciência, tecnologia e economia cada vez mais fazem parte do cotidiano das pessoas, o que torna compreensível o fato de haver um grande número de palavras de procedência estrangeira atualmente em uso no Brasil, as quais proporcionam, no final das contas, um enriquecimento vocabular geral, não apenas restrito a setores especiais do léxico.

Uma vez importado, o estrangeirismo tende a se adaptar à fonética e à fonologia da língua receptora. Na medida do possível, acaba por assumir também as marcas ortográficas e gramaticais desse novo ambiente. Quando isso acontece, integra-se por completo no novo idioma, podendo até mesmo servir de base para a formação de outras palavras³, ampliar ou restringir seu significado ou ser completamente abandonado, exatamente como os demais itens lexicais constituintes do vocabulário.

Uma alternativa à adoção propriamente dita é o chamado *decalque*, a “aquisição de forma léxica ou locução estrangeira, através da substituição, por forma léxica vernácula, de significado equivalente, criada para esse fim” – Assumpção Jr. (1986:109) –, um recurso “especialmente usado quando se devem criar palavras para exprimir um conceito novo chegado do

³ Mesmo que a adaptação ortográfica ainda não tenha ocorrido, uma palavra estrangeira pode dar origem a outras palavras (cf. *funkeiro*, *roqueiro*, *skatista*, *showmício* etc).

exterior, e não se quer adotar a palavra estrangeira”⁴ – Pisani (1967:78). Exemplos: *alta tecnologia* (do inglês, *high technology* ou *high tech*, sua forma reduzida), *cachorro-quente* (do inglês, *hot dog*), *cartão de crédito* (do inglês, *credit card*), *controle remoto* (do inglês, *remote control*), *símbolo sexual* (do inglês, *sex symbol*), *loja de conveniência* (do inglês, *convenience store*), *loja de departamentos* (do inglês, *department store*), *alta-costura* (do francês, *haute-couture*), *auto-estrada* (do italiano, *autostrada*), além de muitos outros.

INGLÊS, NOVA LÍNGUA UNIVERSAL

No Brasil de hoje (e em muitos outros países, inclusive desenvolvidos), chama a atenção de qualquer um a enorme quantidade de palavras e expressões em inglês, cada vez mais íntimas dos falantes nos mais diversos campos do conhecimento.⁵

Nem sempre, porém, foi essa a realidade. Até a primeira metade do século XX, por exemplo, os valores culturais franceses é que gozavam de prestígio mundial, razão pela qual, à época, várias línguas foram, de certa maneira, obrigadas a absorver lexemas franceses.

A posição altamente privilegiada em termos científicos, tecnológicos e culturais alcançada pelos Estados Unidos na atualidade levou o inglês, alçado que foi à condição de verdadeira língua franca universal, a exportar uma infinidade de itens lexicais – por vezes, elementos gramaticais – também – a muitas outras línguas, o que certamente faria a alegria de Edward Sapir (1971:194), pois o autor, em livro publicado no início da década de 20, lamentava justamente a impossibilidade de o idioma de Shakespeare “insinuar-se no âmago de outras línguas”:

É um tanto decepcionante verificarmos que a influência cultural inglesa tem sido praticamente desprezível. Nossa língua tem-se expandido, porque os ingleses têm colonizado territórios imensos; mas nada indica que esteja insinuando-se no âmago de outro idioma qualquer, da maneira com que o francês tingiu a compleição da língua inglesa, ou o árabe se entranhou no persa e no turco.

⁴ No original italiano, lê-se: ‘specialmente usato quando si debbono creare parole per esprimere un concetto nuovo giunto dall’estero, e non si vuole adoperare la parola straniera.’

⁵ Várias nações estão atentas ao assunto. Na França, uma lei de 1994 determina a utilização do francês em atos da vida social, comercial e intelectual – cf. Comparato (1997) –, enquanto na Alemanha, com o intuito de coibir abusos quanto ao uso de palavras inglesas, foi criada a Associação para a Proteção da Língua Alemã – cf. Magalhães-Reuther (1999). No Brasil, projeto de lei de um deputado federal também pretende regular certos usos de unidades lexicais estrangeiras – cf. Rebelo (1999).

Não é difícil entender as razões pelas quais tamanha transformação se deu. Ao fim da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos assumiram posição de vanguarda nos campos científico e tecnológico na esfera mundial, tornando-se um centro de irradiação de cultura. Eletrônica, medicina, aviação, cibernética, economia, música popular, moda, cinema, comunicação de massa, esportes e comportamento em geral: não há limites para a supremacia americana. Hoje em dia, algumas profissões simplesmente se encontram fora do alcance daqueles que não dominam o inglês.

Ramos inteiros de atividade – informática entre eles – surgiram, se desenvolveram e se consolidaram em solo americano, se espalhando posteriormente para o resto do mundo, tornando, muitas vezes, inevitável a assimilação de termos e expressões da língua inglesa pelas demais línguas.

Por aqui, nem mesmo a existência de correspondentes vernáculos é capaz de impedir a utilização de expressões estrangeiras, especialmente as ligadas ao campo tecnológico, como é o caso de *attach* (*anexar*), *link* (*ligar, unir / ligação*), *delet* (*apagar, suprimir*) que, baseadas no modelo português, originam verbos estranhos como “linkar” e “deletar”, sobre os quais Biderman (1998:171) tece os seguintes comentários:

E é nesse domínio que o dicionário e os dicionaristas deveriam cumprir um importante papel normalizador. O desejável seria que esse papel fosse também normativo, buscando impor padrões mais conformes à fisionomia da nossa língua para que esses estrangeirismos não a desfigurassem como vem ocorrendo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente, o destino dos idiomas e o papel que eles representam no mundo estão em boa medida relacionados à fortuna dos homens que os falam. A hierarquia entre línguas, então, constitui algo extrínseco à própria língua enquanto sistema.

Forma plenamente legítima de ampliação lexical, não resta dúvida de que, com demasiada frequência, o empréstimo lingüístico encontra-se a serviço do lema “aquilo que vem de fora é melhor”, especialmente quando o “de fora” em questão é um país altamente prestigiado, cujos produtos, conceitos e idéias estão associados a modernidade, a progresso e a avanço tecnológico. Num país como o Brasil, onde a condição de importada de determinada mercadoria é quase sempre decisiva para que o consumidor opte por adquiri-la, essa afirmação se aplica inegavelmente.

Tal admiração, contudo, pode conduzir a excessos. Para Houaiss (1987), “a influência [do inglês americano sobre o português brasileiro] é

não apenas de palavras, mas de mente, de semântica, de capacidade de pensar, de emocionar (se), de sobreviver”, o que extrapola bastante a função primordial desse recurso de ampliação vocabular, isto é, a possibilidade de preencher lacunas expressivas, de exprimir idéias e conceitos até então desconhecidos ou de nomear produtos e aparelhos recém-produzidos.

O Brasil, país miscigenado, integrador e sincrético por natureza, nunca teve dificuldade de acolher nada que viesse de fora: pessoas, mercadorias, hábitos, costumes, tradições, modos de pensar e, obviamente, palavras, motivo pelo qual, em comparação com outros países (inclusive Portugal), a utilização e a aceitação de palavras de origem estrangeira é bem significativa por aqui.

BIBLIOGRAFIA

- ASSUMPÇÃO Jr., Antônio Pio de. *Dinâmica léxica portuguesa*. Rio de Janeiro : Presença, 1986.
- BECHARA, Evanildo. José de Alencar e a língua do Brasil. In: BARBOSA, Francisco de Assis (org.). *Revista do Brasil*. Rio de Janeiro : Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro – Rio Arte / Fundação Rio, 12: 70-8, 1990.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O dicionário como norma na sociedade. In: CARVALHO, Nelly Medeiros de & SILVA, Maria Emília Barcellos da (orgs.). *Lexicologia, lexicografia e terminologia: questões conexas: anais do I Encontro Nacional do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL*. Recife, 1998.
- . *Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro : LTC, 1978.
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro : Ao Livro Técnico / INL / MEC, 1977.
- CARVALHO, Nelly Medeiros de. *Empréstimos lingüísticos*. São Paulo : Ática, 1989.
- COMPARATO, Mariane. Lei determina o uso do francês. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23.11.1997, p. 3-3.
- DUBOIS, Jean et alii. *Dicionário de lingüística*. Trad. Leonor Scliar Cabral et alii. São Paulo : Cultrix, 1973.
- ELIA, Sílvio. *A língua portuguesa no mundo*. São Paul : Ática, 1989.

- HOUAISS, Antonio. Xenofilia e xenofobia, as linhas paralelas que se encontram. In: DUMAR, Débora. English spoken here. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10.06.1987, Segundo caderno, p.1.
- LANGACKER, Ronald W. *A linguagem e sua estrutura*. Trad. Gilda Maria Corrêa de Azevedo. Petrópolis : Vozes, 1972.
- MAGALHÃES-REUTER, Graça. Alemães sofrem com novo idioma. *O Globo*, Rio de Janeiro, 06.09.1999, p. 21.
- PISANI, Vittore. *L'etimologia: storia, questioni, metodo*. 2. ed. riveduta e accresciuta. Brescia : Paideia, 1967.
- . *Linguistica generale e indeuropea*. Torino : Rosenberg & Sellier, s./d.
- REBELO, Aldo. *Projeto de lei nº 1676*. Brasília, 1999.
- ROBINS, Robert Henri. *Lingüística geral*. Sup. da trad. Wilson Chrisóstomo Guarany. Porto Alegre : Globo, 1977.
- SAPIR, Edward. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. 2. ed. Trad. Joaquim Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro : Acadêmica, 1971.